



TAITI, SOB ASSALTO



Muitos praienses ficaram perplexos ao tomar conhecimento de que um projecto privado de grande envergadura irá ocupar um dos únicos e promissores parques naturais da sua cidade. Trata-se de um projecto comercial em Taiti ao lado do memorial Amílcar Cabral.

Como se pode verificar através da fotografia em anexo, feita na primeira metade deste século, o Taiti é de facto um parque verde natural, pujante, coberto de uma floresta densa de coqueiros e tamareiras para além de outras espécies vegetais importantes, que emprestavam uma beleza única e aprazível. De facto, em sua defesa, como escrevi uma vez no jornal "A Semana", em meados de noventa, é um espaço onde facilmente podem ser construídos lagos com cisnes, áreas de piqueniques, de lazer e desporto. Tudo isso no coração de uma cidade que muitos apelidam de mal amada.

A sua importância tornou-se mais evidente, logo depois da independência nacional, quando o país partiu para o desenvolvimento, forçando a cidade da Praia a sair do seu confinamento oficial no Plateau, para uma expansão urbana sem precedentes. Nessa altura houve um consenso dos responsáveis do país, da Câmara Municipal e sobretudo da classe de técnicos envolvidos na planificação urbana que o Taiti e a Praia Negra seriam os pulmões verdes da cidade da Praia.

Foi por isso que volvidos quase trinta anos após a independência, o Taiti só foi alvo de uma única ocupação, a do Parque 5 de Julho, um complexo verde e área pública de promoção de cultura e recreação, que veio ao encontro do consenso estabelecido e que se tornou num espaço de qualidade apesar de, ao longo dos anos, ter tido uma gestão pobre. Foi isso o nosso parecer técnico em 1984, quando o ministro das obras públicas de então, solicitou-nos a sua remodelação para estabelecer aí os escritórios do Ministério de Transportes e Comunicações. Se Taiti conseguiu sobreviver intocável todo esse tempo, o mesmo não se pode dizer da Praia Negra que foi vítima da pior ocupação possível (que não só destruiu o parque, mas contribuiu para a poluição do mar adjacente com dejectos quimicamente perigosos à saúde humana). O parque verdejante e natural que era, adicionado à proximidade de uma praia de mar (de pedra rolada) erguia-se como uma verdadeira oferta divina, por ser tão especial. Tudo foi ceifado à luz do dia e com o aval das autoridades, perante os milhares de praienses que quando jovens se deleitaram a utilizá-lo como principal espaço para desporto e piqueniques da cidade, para ser transformado numa área de serviços, para produção de cerveja, que devia merecer um lote pelo menos a dez quilómetros do centro da cidade.

Quando em 1983, face à ideia de se erigir uma estátua de Amílcar Cabral no ilhéu Sta Maria, numa reunião encabeçada pelo Primeiro-Ministro nessa altura, defendi a ideia de um projecto de memorial, e sua localização em Taiti, por ser uma área nobre e central na malha urbana que despontava, para além de outras razões pertinentes. Essa ideia vingou, mesmo quando a liderança do governo solicitou ao arquitecto Óscar Niemeyer que escolhesse uma localização na cidade e fizesse o projecto do memorial. O internacionalmente conhecido arquitecto brasileiro que tem aversão às viagens de avião, não veio a Cabo Verde mas enviou os seus

lugares tenentes, que frente à oferta de escolherem o melhor sítio para o tal memorial, confirmaram a escolha já feita. A minha satisfação foi sobretudo porque nessa altura, já despontava uma tendência de ocupação irracional do solo urbano, nomeadamente as extremidades das falésias de Achada de Sto António, os espaços abertos nos bairros suburbanos. Mas nada que se compare com a bandalheira dos últimos tempos porque as motivações e o sentido de estado de direito eram outras, dizia, que essa minha satisfação advinha do facto que o "processo" Taiti já se dotara de uma protecção tácita contra algumas ambições desmedidas de o tornar como espaço a lotear para fins diversos.

E assim se manteve o Taiti, sem que os diversos responsáveis que passaram por essa câmara tivessem ousadia e capacidade de reconhecer o seu extraordinário valor e que somente precisava de ser dotado de condições básicas de utilização pública como mandam as normas legais em países com um mínimo de sofisticação. Por outro lado, essa inércia não o lesou.

Nos meados dos anos noventa, o governo decidira construir um estádio nacional na capital, mas voltara atrás porque esta capital não merece ter semelhante infra-estrutura, tendo-se optado por um municipal e escolheu o sítio original do estádio da Várzea para tal fim. Tendo participado no concurso público para a elaboração do projecto, tomei uma posição pública no jornal "ASEMANA", contestando a ocupação de um parque natural com estruturas de betão de um estádio para trinta mil espectadores e com uma área de estacionamento que a norma requer que seja o dobro da superfície do complexo. Sugeri como a melhor localização Achada de S. Filipe. Fisicamente, o parque de Taiti vai da Fazenda até ao clube de tennis e a Chã de Areia e toda essa área merecia ser preservada como parque natural, pois essa é sua vocação natural. Note-se que defendi um campo de futebol para treinos, incluindo alguma bancada metálica, por ser removível, o mesmo que se encontra em países organizados. Levou a câmara da Praia cerca de dezoito anos para reconhecer que de facto é na Achada de S. Filipe o lugar ideal para tal infra-estrutura. Na planificação urbana, quando decisões apropriadas não são tomadas no momento oportuno, desenvolve-se em cadeia, crimes urbanos quase irreparáveis. Imagina o benefício que poderia representar para a cidade, se houvesse nessa altura, uma simples decisão das autoridades competentes em dimensionar com a mesma largura da Avenida Cidade de Lisboa a via de entrada à cidade, a de Vila Nova.

No processo de construção do memorial, nos fins da década de noventa, um projecto feito por Óscar Niemeyer de uma forma ou outra saiu fora do circuito e o governo aceitou uma estátua de Amílcar Cabral "enlatada" dos chineses que até a gabardine incluía, neste clima bem tropical da capital. Desde que a obra não fosse ela concebida por um cabo-verdiano, tudo bem, na cabeça de muitos governantes desta terra. Desculpas mil, existem para essa estratégia.

O problema não ficou só com a estátua. Quando se constrói num parque manda a arte do design que as construções realizadas no seu ambiente, sejam mobiliários do mesmo. Não se deve localizar construções na extremidades dos parques quando o principal ingrediente a ser oferecido ao público é a

percepção do verde e da natureza. Como se pode ver, a localização do auditório e da biblioteca quase na extremidade do parque, foi similar a qualquer outra, numa malha urbana qualquer, porque obstaculiza o parque que existe por detrás. Entretanto, os mesmos, são edifícios de carácter público institucional, cuja natureza de funções rima com a presença do sítio do pai da Independência de Cabo Verde.

O mesmo não se poderá dizer do Centro Taiti, um complexo comercial a ser construído junto ao memorial de Amílcar Cabral que adicionalmente é dotada de uma escala plausível de minimizar o que deverá ser o monumento deste país. Que é do Governo, da Câmara Municipal, dos Arquitectos, dos Ambientalistas e dos cidadãos esclarecidos desta urbe? Onde estão os arquitectos, a primeira classe de técnicos superiores a se organizarem neste país quando essa iniciativa ainda não era bem vista pelo sistema político? Que desculpas? Que não há dinheiro para salvar Taiti e transformá-lo num parque verde? Se estrangeiros são capazes de cá vir e fazer montagem financeira privada para tal ocupação, é inaceitável pensar-se que instituições governamentais deste país, a vários níveis não sejam capazes de tal proeza. Ou será que "tudo o tempo levou". Imaginemos que em Washington DC, no "Mall", a estrutura urbana política do governo federal dos EUA, adjacente aos memoriais de George Washington ou de Abraham Lincoln, investidores de México ou de Bielorrússia, iam lá meter uma loja sob qual fosse o pretexto ou função!

Necessariamente haverá pessoas que não concordam com a nossa opinião. Isso até é enriquecedor. No entanto, desafio publicamente essas pessoas a justificarem tal localização. O orgulho nacional, sem chauvinismos, deve ser cultivado e acarinhado. Somos parte de uma nação que se formou na resistência contra tudo e todos. Quando a luz já cintila no fundo do túnel, não é momento de se baixar os braços.

Em qualquer país democrático qualquer loteamento numa cidade é matéria pública. Quando se trata de projectos de impacto e de mudança de zoneamento, isto é, de mudança de natureza de serventia do espaço afectado, como aconteceu neste caso, a Câmara Municipal deve fazer amplas sessões públicas para ouvir os munícipes sobre essa matéria.

Nesta altura do ano em que dezenas de milhares de jovens estudantes são levados à rua, para desfilar na festa do Carnaval, mascarados com temas da natureza, tais como tartarugas e plantas, com o objectivo de consciencializar a sociedade de que é absolutamente urgente, e necessária, a tarefa de se defender o meio ambiente, as instituições deste país, permitem que uma machadada, mais uma vez, seja aplicada num dos patrimónios ambientais mais importantes da Praia Santa Maria.

A Cidade da Praia deve ser de todos os que cá vivem, que investem e que tudo fazem para engrandecê-la. A contrapartida deve ser que todos se esforcem para oferecer algo em retorno, respeitar as suas gentes, o seu ambiente natural e construído, pois aqui tudo é pequeno e o equilíbrio de tudo é muito frágil.

Pedro R. dos Reis Martins
Arquitecto
Praia, 18/02/09